

Análise nos tempos atuais é análise no tempo presente

Daniela Tremarin¹

RESUMO

Este trabalho aborda a teoria e técnica de Sandor Ferenczi, mais propriamente a discussão de um importante texto “Perspectivas da psicanálise” de 1924, escrito juntamente com Otto Rank no verão de 1922, e que, a partir da década de 20, um grande incômodo passa a acompanhar este fiel discípulo de Freud. A preocupação de Ferenczi com a psicanálise leva-o a repensar questões teóricas e técnicas em busca de uma psicanálise identificada com o sofrimento humano. Em discordância com Freud, coloca a questão da compulsão a repetição na análise como o verdadeiro material inconsciente, manejável pelo analista e que contrário à resistência, caminha rumo à elaboração. Este outro olhar clínico trouxe uma questão relevante para Ferenczi, que é a capacidade de afetação do analista na análise. A resistência ganha um novo olhar e a técnica uma elasticidade.

Palavras-chave: Repetição. Resistência. Papel do analista. Elaboração. Técnica.

1 Psicóloga, Psicanalista, Membro Pleno do Centro de Estudos Psicanalítico de Porto Alegre – CEPdePA, Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa em Sandor Ferenczi – GBPSF, Autora de artigo publicado na Revista Federação Latino Americana de Psicanálise – FLAPPSIP (2017), Coordenadora de Grupo de Estudos em Teoria e Técnica em Sandor Ferenczi. Rua General Cândido Costa, 65, Centro, sala 1003. CEP 95700-128. Bento Gonçalves/RS. Fone: (54) 9 9138 3912. E-mail: danielatremarin@gmail.com.br

Este texto foi pensado a partir da vasta experiência clínica nos dias atuais sobre a importância da vivência emocional entre analista e paciente no tempo presente de uma sessão analítica. Com o estudo do pensamento desse autor, meu desejo é o de despertar ao leitor ao menos curiosidade sob um ângulo muito particular de entendimento do psiquismo humano e também da nossa forma de trabalhar como analistas.

Ferenczi e Freud mantiveram uma longa relação de amizade por cerca de vinte e cinco anos, permeada por um período de análise de Ferenczi com Freud muito pequeno, cerca de três meses. A relação entre os dois foi baseada em muitas trocas teóricas que aconteceram através de cartas, viagens e férias juntos, tanto que Freud refere-se a Ferenczi como seu caro amigo. Entretanto, com o passar do tempo, começam a ocorrer algumas divergências de ideias entre ambos.

Ferenczi tinha experiência com casos difíceis que na época lhe eram encaminhados de todos os cantos do mundo por colegas, quando a técnica clássica não parecia conseguir ajudar tais casos, se preocupando em experimentar novos jeitos técnicos para alcançar o sofrimento humano. Afirma que não havia paciente que não poderia ser analisado, e sim que cabia ao analista encontrar a melhor forma de atender a este paciente. Percebe a importância de repensar conceitos teóricos - técnico, dedicando-se a compreender os pacientes onde a associação livre não se fazia presente, e ao longo de sua obra, Ferenczi modifica o entendimento de qualquer paciente e da técnica para todos, independente do funcionamento de cisão.

O autor passa a colocar a ênfase da constituição do psiquismo através da relação do infante com os pais reais, atribuindo relevância à saúde psíquica dos cuidadores na formação do psiquismo humano. Este pensamento coloca Ferenczi em meio a muitas discussões com Freud, que atinge seu auge em 1933, com a apresentação de seu texto “Confusão de línguas entre o adulto e a criança”, do qual Freud aconselha seu caro amigo a não publicá-lo, devido à ênfase na proble-

mática relacional com os objetos e não na fantasia intrapsíquica da criança, teoria da qual Freud já havia abandonado.

Ferenczi sofre graves ataques dos colegas devido à exposição deste ponto e morre cerca de seis meses após a apresentação desse material, apresentando um novo olhar sobre o sujeito, sobre a constituição do psiquismo e, portanto, a necessidade de repensar outra técnica, fazendo várias modificações importantes.

O grau de inovação dos pensamentos desse autor, bem como sua diferenciação em relação a autores contemporâneos, o mantém cerca de sessenta anos aguardando publicação. Apesar da discordância da teoria de Freud, Ferenczi não foi um dissidente da psicanálise, tanto que morre fazendo parte da IPA, acreditando na capacidade de ampliação e transformação da psicanálise.

O próprio título deste texto já parte de uma afirmativa acerca de uma mudança técnica importante quanto à relevância da presença sensível do analista para receber os conteúdos do passado do paciente, oportunizando que uma nova experiência emocional vivida agora entre ambos possa inaugurar uma mudança importante. A questão da compulsão à repetição será o ponto fundamental desse texto, do qual trarei uma mudança de pensamento bastante contrastante ao entendimento de Freud a esta questão.

Foi então que, a partir de 1924, em “Perspectivas da psicanálise”, este texto de incomensurável importância na sua obra, que Sandor Ferenczi juntamente com o autor Otto Rank dedicam-se a falar sobre a compulsão à repetição, colocando a experiência emocional no centro da terapia psicanalítica. Em 1914, no texto “Recordar, repetir e elaborar”, Freud coloca a lembrança como o objetivo do trabalho analítico, porém o caminho para chegar à lembrança do material inconsciente, que pode ser através de atos falhos, sonhos, chistes, sintomas e transferência, é permeado pela resistência do aparelho psíquico e a compulsão a repetição não será diferente, vai ser considerado um grande entrave resistencial à lembrança do conteúdo reprimido.

A fim de chegar ao material mnêmico reprimido, o analista tem então o trabalho de vencer toda essa barreira de resistência à dor, uma espécie de força maior que repete para não lembrar, atua para não pensar, via a técnica da interpretação do material reprimido com a ajuda da associação livre do paciente. Ainda em 1920, Freud explora melhor o caráter da compulsão à repetição e sua ligação com a pulsão de morte.

De forma bastante inovadora para Ferenczi, a concepção de ser humano dentro de sua obra parte da ideia de concordância com Freud de que existem duas pulsões que coexistem no psiquismo. Porém, ao longo do tempo, seu pensamento vai se modificando e passa a colocar a tônica de suas reflexões em apenas uma espécie de pulsão de vida, que fica estritamente dependente da relação do sujeito com o objeto. Sendo assim, o ser humano não é resultado das intrincações da dualidade pulsional. Para esse autor, que se diz um monista agnóstico, o ser humano é movido por uma força vital, apontando sempre na direção da preservação da vida.

Dessa forma, o analisando repete na esperança de que a cada repetição, uma após a outra, algo novo aconteça. Repete na esperança de que o analista, com sua presença sensível e tato, inaugure novos afetos em contraste ao passado traumático deste. Sendo assim, é justamente a repetição que aproxima o analista do inconsciente do paciente. Vejamos o que fora escrito em 1924:

Sob o ângulo da compulsão à repetição é absolutamente inevitável, porém, que o paciente repita no tratamento fragmentos inteiros de sua evolução e como a experiência o mostrou precisamente fragmentos inacessíveis sob a forma de rememoração; de sorte que o paciente não pode fazer outra coisa senão reproduzi-los e o analista considerá-los como o verdadeiro material inconsciente. Trata-se apenas de compreender essa forma de comunicação, a lin-

guagem dos gestos, por assim dizer e de explicá-la ao paciente. Entretanto, como nos ensinou Freud, os próprios sintomas neuróticos nada mais são do que discursos deformados em que o inconsciente se exprime num estilo à primeira vista incompreensível (FERENCZI, 1924, p. 245).

Foi assim que a repetição na análise passou a não mais ser vista pelos autores como um processo defensivo antagônico à lembrança. Ao contrário, Ferenczi, que estava em meio à problemática da técnica ativa, tentando responder à questão feita por ele mesmo do porque aconteciam as estagnações nas análises, propôs, por um determinado tempo, ser a prática da atividade do analista, uma ferramenta de mudança na técnica, que visava ativamente favorecer o aparecimento da repetição. Desse modo, caberia ao analista o árduo trabalho de manejar o surgimento dos afetos, permitir que emergam no interior da situação analítica, para dessa forma, transformar esses elementos em lembrança atual.

É imprescindível atribuir uma importância notável a esta mudança de pensamento teórico e técnico desse autor, visto que coloca a compulsão à repetição, antes vista como inimigo, num patamar exclusivamente diferente de compreensão, como algo bem vindo, esperado, e tecnicamente manejável. É aqui que Ferenczi questiona a implicação do olhar do analista para esta questão da repetição, e com isso, a psicanálise ganha uma inovação, outro olhar clínico. Ao invés de a repetição ser uma forma resistencial para não lembrar, como pensou Freud, Ferenczi refere-se à repetição como o material que restou, se apresentando justamente por não ter sido possível representá-lo antes. É tornando fundamental para a sustentação da relação transferencial a presença e a importância de um analista confiável e sensível, que a análise fornecerá a oportunidade ao acesso de certas intensidades que poderão, agora, adquirir uma representação.

O analista dos casos difíceis, como ficou conhecido Ferenczi, estende sua obra a pacientes que apresentam um funcionamento do

psiquismo permeado pelo mecanismo de defesa da cisão e não pelo recalçamento como Freud, para quem, a compulsão à repetição diz respeito ao material mnêmico mal recalçado, que “não pode, uma vez que nunca foi ‘sentido’ - ser ‘rememorado’ e certos sinais obrigam a deixá-lo reproduzir-se.” (FERENCZI, 1924, p. 253)

Judith Dupont (1982), no prefácio da correspondência Sandor Ferenczi - Georg Groddeck, escreve que Ferenczi procurava compreender cada vez mais e melhor a clínica e nunca deixou de insistir no fato de não serem as doenças que deviam ser selecionadas em função da sua analisabilidade com a técnica existente, e sim, que era essa técnica que deveria ser modificada, adaptada e desenvolvida em função das necessidades dos doentes.

É fato que,

O recalçado, ou o inconsciente, não tem acesso à motilidade, nem a essas inervações motoras cuja soma compõe a descarga de afetos; o passado e o recalçado são, portanto, coagidos a encontrar um representante no presente e no consciente, logo, na situação psíquica atual, a fim de que possam ser efetivamente experimentados. Ao contrário das reações catárticas violentas, pode-se definir a descarga de afetos que se produz progressivamente na situação analítica como uma catarse fracionada (FERENCZI, 1924, p. 254).

O papel do analista torna-se, então, imprescindível. Precisamos aguardar que se viva algo análogo ao passado, agora presentificado na situação analítica. E sabemos que será necessário que ocorram várias experiências para que a tentativa do analista produza reações afetivas diferentes, e, portanto, efetiva.

O analista certamente deve levar em conta a “pluritemporalidade que afeta na prática todas as manifestações dos pacientes, mas dirigirá

essencialmente a sua atenção para a reação presente.” (FERENCZI, 1924, p. 254). Ao proceder dessa maneira, ele obterá êxito na descoberta das raízes da reação atual no passado do paciente, o que equivale a transformar a tendência para repetição em lembrança.

Ferenczi faz uma crítica a Freud, escrevendo que no início da psicanálise achava-se que o cumprimento de uma análise se passava pelo saber, pela pura interpretação que passa pelo conhecimento, e, devido a isto, chamou esse período de “fase de conhecimento” (FERENCZI, 1924, p. 60). Ele tinha um grande receio de que as análises se mantivessem muito intelectualizadas e que este tipo de trabalho levava não só o paciente a escapar do trabalho analítico dos afetos, mas também o analista, que ao pensar que o tratamento analítico tinha por objetivo preencher pelo saber certas lacunas nas lembranças do paciente, resistia à afetação e ao envolvimento afetivo da dupla.

O processo de análise corria, então, o risco de perder o sentido de afetação. Acredito que o excesso de conhecimento teórico do analista é uma forma sua de resistência em ser afetado, e isso pode contribuir em criar ou manter a resistência do paciente, a ser conivente com o desejo de não saber neurótico, do qual, se deveria justamente desmascarar e neutralizar. Não bastando, a prisão do analista à sua intelectualidade ainda poderia encaminhar o processo terapêutico para algo muito perigoso, como a submissão ou o desejo do paciente em agradar seu analista, o que favorece seu narcisismo.

Além disso, a regra técnica chamada por Freud de abstinência e neutralidade para conduzir uma análise, convidou um grande número de analistas a deixar de atribuir a importância necessária à sua própria pessoa na relação analítica e o envolvimento emocional entre analista e paciente ganha evidência como algo não analisado por parte do analista. Em contradição a isto, ambos os autores, Ferenczi e Rank, atribuem uma reviravolta técnica justamente pela importância da afetação no/do analista nesse processo e chamam esta nova fase de “fase do experimentado” (FERENCZI, 1924, p. 260).

A nova fase tem o intuito de:

[...] colocar o saber adquirido pela psicanálise totalmente a serviço do tratamento, provocando diretamente, em função do nosso saber, as experiências vividas adequadas e limitando-nos a explicar ao paciente somente essa experiência que, bem entendido, também lhe é diretamente perceptível (FERENCZI, 1924, p. 260).

Essa terapêutica apoia-se muito mais no experimentado do que na explicação, e é através da simbolização do revivido que o representante pulsional pode encontrar uma expressão distinta da compulsão à repetição.

Assim, vemos uma mudança entre uma intervenção do tipo causa-efeito, referida à técnica clássica, para a introdução da vivência analítica sustentada pela compreensão. Trata-se, portanto, de permitir que o paciente, por meio da repetição, reviva esses afetos e fragmentos de memória, pois é apenas dessa maneira que a interpretação subsequente surtirá efeito.

Ferenczi imputa à técnica e ao enquadre a responsabilidade pela produção de resistências objetivas à experiência analítica, e o autor Daniel Kupermann (2008, p. 157) nos presenteia com o escrito “seria preciso tornar a técnica mais elástica, de maneira a favorecer a expressão afetiva.”. Com esta revisão, Ferenczi caminha para um novo posicionamento clínico a partir do final dos anos vinte, que tem como características fundamentais o tato do analista, a empatia, o valor da dimensão afetiva e corporal e a importância da confiabilidade na relação analítica.

Tato, nas palavras da autora Luiza Moura (2018, p. 98), fora muito bem enfatizado: “parece-me que tato para Ferenczi é algo além da empatia, porque necessariamente, inclui uma prática. É um processo absolutamente ativo no interior do analista, ainda que seja, muitas vezes, imperceptível.”.

De certa forma, fica claro que a lembrança permanece como um fator decisivo no processo de cura e a incitação à repetição terminariam

por provocar no paciente novas memórias no lugar dos complexos patológicos que foram subtraídos do restante do conteúdo psíquico, reavivados e traduzidos em lembranças. Assim, tais processos se tornam conscientes durante a experiência de análise. O desejo dos autores era que a psicanálise sofresse uma reformulação urgente para que não fosse usada como um processo exageradamente intelectualizado, mas que se retomasse e ressaltasse os aspectos emocionais da experiência analítica.

Sendo assim, acredito que para a prática de uma psicanálise nos tempos atuais, é necessário que possibilitemos encontros mais vívidos, em que a sensibilidade e a flexibilidade do analista tornam-se características importantes para o manejo clínico. É essa presença sensível que possibilita que a confiança e a esperança se constituam, e diante dessa condição agora mais favorável, a revivência dos conteúdos não representados se torne viáveis de serem cicatrizados. Que o encontro com o sofrimento humano nos possa refazer questionamentos constantes da teoria e da técnica pelos novos conhecimentos diários que a prática clínica nos fornece.

Ferenczi não foi um dissidente, inclusive porque acreditava na capacidade de ampliação e transformação da psicanálise. Morreu fazendo parte da IPA.

REFERÊNCIAS

FERENCZI, S. (1924). Perspectivas da psicanálise. In: FERENCZI, S. **Psicanálise III**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 243-260. (Obras completas, 3).

DUPONT, J. Préface. In: FERENCZI, S; GRODDECK, G. **Correspondance (1921-1933)**. Traduction de l'allemand, notes et commentaires par le Groupe de traduction du Coq-Héron. Paris: Payot, 1982. p. 12-17.

KUPERMANN, D. **Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MOURA, L. **Ferenczi e Winnicott: análise de adultos na língua da infância**. Terra de Areia: Triangulo, 2018.

Analysis in the current time is analysis in the present time

ABSTRACT

This work approaches Sandor Ferenczi's theory, more specifically the discussion of an important text "Perspectives of Psychoanalysis" written in 1924 together with Otto Rank in the summer of 1922, and which, from the 20's onwards, a great discomfort started to accompany this faithful disciple of Freud. Ferenczi's concern with psychoanalysis leads him to rethink theoretical and technical issues in search of a psychoanalysis identified with human suffering. In disagreement with Freud, he poses the question of the compulsion to repeat in analysis as the true unconscious material, manageable by the analyst and which, contrary to resistance, walks towards elaboration. This other clinical look brings up the relevant question for Ferenczi, which is the analyst's capacity for affectation in analysis. Resistance gains a new look, and technique an elasticity.

Keywords: Repetition. Resistance. Analyst role. Elaboration. Technique.

Recebido em 08/03/2022

Aceito em 16/11/2022